

voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXI | #126 | jul/ago 2012

Especial
Semana Brasileira
de Montanhismo

Entrevista
Hillo Santana

Esportiva

Brejetuba - SP

Montanhismo

Ilha Anchieta - SP

EXPLORE SEU LADO ADVENTURE.



SNAKE




SNAKE
reach the top

www.snake.com.br

De volta para o Futuro

Texto: André Berezoski, SP



Faça parte do "clube dos 30", mas a nova geração deve lembrar, ou, ao menos saber, como funcionavam um Autorama ou um Ferrorama. Eles tinham um jogo básico de pista ou trilhos, onde por mais criativo que você fosse o carrinho ou trem dariam milhares de voltas no mesmo circuito até que as pilhas descarregassem ou você se desmotivasse e enjoasse deles. A escalada no Brasil até alguns anos atrás, passou por diferentes formas de se montar seus circuitos, mas sempre deu voltas em um modelo fechado, sem muita inovação ou expansão. Porém, esse cenário tem se modificado graças à iniciativa em comum de pessoas que visam a constante evolução do nosso esporte e perceberem que os circuitos dentro do seu próprio

quarto se tornariam insuficientes para satisfazer seus limites e buscaram pistas externas, maiores e mais rápidas, com um cenário mais amplo de maquetes completas, do que somente uma simples ponte ou túnel que já vinha dentro da sua caixa de brinquedos. A nova geração de organizadores de competições de escalada tem alçado voos distantes e elaborados, na busca de resgatar tudo o que já foi feito no passado e diga-se, de extrema importância, para transformar tudo isso em eventos inovadores, levando e divulgando a escalada até o grande público, atendendo toda uma comunidade sedenta de bons eventos. Assim como um evento, uma competição ou treino tem início, meio e fim, os círculos de organizações, entida-

A iniciativa da Adrena em marcar 2012 como divisor de águas com o anúncio de um circuito brasileiro de Boulder veio em uma fase onde a modalidade se expandiu de tal forma, que já estava se tornando constrangedor não termos um campeonato desta magnitude, e aliado a uma fase de reestruturação e renovação por parte das entidades representantes da escalada por todos os estados, este evento veio em boa hora, com uma estrutura itinerante incrível, uma equipe excelente agregando todos os níveis, idades e categorias da escalada e até visando às tendências internacionais. O circuito conta este ano com a categoria "paraclimbing", já inserida no campeonato mundial, além das categorias de base, com a molecada fazendo a

des, competições e escaladores nascem, crescem, amadurecem e, por sua vez, acabam se fechando, diminuindo ou passando por longos períodos de estiagem mas, para a sorte de todos, de tempos em tempos, renasce uma geração que se dispõe a recomençar ou pelo menos tentar não perder tudo o que já foi conquistado até então. A escalada passa por uma fase importante de sua história de competição. O IFSC vem se estruturando há vários anos para uma arrancada final na tentativa de incluir, de uma vez por todas, a escalada como esporte olímpico, e esse interesse tem feito com que nos organizemos de tal maneira, que tudo relacionado às competições internacionais, está em um nível muito além do que estamos acostumados, e isso é um fato que deve ser vivenciado tanto para atletas como para todos envolvidos na organização geral: juizes, route-setters, fiscais e até mesmo o público, que é parte fundamental em uma competição. Estar presente em uma prova internacional é sem sombra de dúvidas um fator essencial e motivador para quem está conectado com as competições ou eventos de bom nível. Obviamente estamos tratando de locais onde a escalada é vista como parte integrante da cultura e que os fundos captados para issosão de cifras muito além da realidade nacional. Mas definitivamente 2012 é o ano em que o renascimento deste círculo está anunciado nas entrelinhas da história nacional e vem ressurgindo com força renovada.

feita e mostrando sua vontade de competir e prestigiar os eventos. Além do importante passo com essas categorias, a tendência tecnológica também vem inovando, com a utilização de IPADS para se computar os pontos e colocações, garantindo uma agilidade para a organização e atletas, dando um exemplo até para o IFSC: já o estilo de montagem das linhas não pode deixar de se adaptar ao que está sendo utilizado lá fora, e isso, graças a uma equipe de ponta, trouxe para a etapa de São Bento do Sapucaí - SP uma diversidade e equilíbrio excepcional para a prova, uma vez que o intuito é preparar e enviar atletas para provas internacionais, portanto tudo tem de estar o mais próximo possível da realidade e parâmetros, e o fato de os eventos estarem acontecendo em áreas abertas e públicas, a torcida, que é parte fundamental, está presente em peso, garantindo uma boa vibração.

O trenzinho de brinquedo que por muitos anos ficou rodando em um circuito fechado e que durante um tempinho até encostado por falta de pilhas e energia, agora é colocado nos trilhos novamente, para rodar em um circuito muito além das simples voltas em torno da cama, pois seus trilhos receberam uma extensão que só o tempo pode parar, pois sua locomotiva está equipada com pilhas alcalinas recarregáveis.

E para a escalada não é diferente, resta colocar em prática e saber reconhecer o real valor de tanto esforço, de tantas pessoas dedicadas com um único objetivo: aceitar que podemos sim chegar a ter os mesmos moldes das organizações internacionais, criando gerações desde cedo capazes de aceitar a escalada como um esporte tão acessível e reconhecido como tantos outros que conquistaram seu espaço ao longo dos anos. Hoje, temos o respaldo de uma entidade forte, o IFSC, mas principalmente temos a maior ferramenta de todas, "o parâmetro", e isso foi adquirido por atletas que muitos anos estiverem fora participando e vendo o que estava "rolando" por aí, tanto em termos de treinos mas também vendo as organizações nas competições. Com ele nosso norte está bem definido, saber o quê, e como era a escalada, e no que ela se converteu na Europa e EUA é ter o melhor referencial de onde temos que chegar, assim como nós atletas, sempre nos espelhamos em um nome, time ou ícone, a organização geral no Brasil hoje conta com esta linha a ser alcançada.

Este texto tem início, meio e fim, mas não significa que ele se fecha e acaba, daqui dois meses outro texto entra em cena, a história da escalada é bem mais complexa para se quantificar em meses ou anos, o fato é que ela é tão promissora, que realmente acredito que daqui uns anos esta publicação bimestral seja insuficiente para cobrir uma quantidade e qualidade de eventos que não podem deixar de ser comentados. Parabéns à equipe Adrena, Prefeitura de São Bento do Sapucaí, CBME, Femesp, APEE, Mountain Voices, Evolv, Sterling Rope, 4Climb, Conquista, Solo, SOS Sapatilha, BelêPad, Top Physio e a todos que estão ajudando e incentivando o desenvolvimento da escalada no Brasil. Obrigado! Belê, atleta apoiado: Conquista, SOS Sapatilha, BelêPad, 4climb, Casa de Pedra.



Vista aérea da Ilha Anchieta

quadrado, na área plana frontal à serra. O quadrado é recoberto por uma grama cuidadosamente aparada – pelas capivaras, que dela se servem como alimento. No piso de uma das celas há o deipimento de um preso: é necessário conhecer o sofrimento para avaliar a felicidade. Acho um absurdo que este belo conjunto não tenha ainda sido restaurado, em mais um testemunho de nosso desprezo pelo passado.

As Assombrações

Como costuma acontecer em locais de sofrimento e violência, houve muitos relatos de vozes e aparições ao longo da história da ilha. Estes foram aumentados pela queda de um avião em 1957, com quase 30 mortos. Se você for sensível, talvez capte o peso da dor nas celas hoje abertas à luz do sol, onde as grades e os muros parecem tão inocentes e insensíveis em relação a este passado cruel.

Os Filhos da Ilha

Você ouvirá esta curiosa expressão quando visitar a ilha. Há quinze anos, são assim chamados todos aqueles que um dia moraram nela, sejam civis, militares ou antigos presos, bem como seus descendentes. São eles que, junto com o Parque, credenciam os monitores e irão recebê-lo quando você estiver lá.

As Trilhas

Existem apenas duas trilhas visitáveis, infelizmente ambas curtas, com não mais de 3 km ida e volta, mas bonitas, largas e sombreadas. A mais interessante é a do Saco Grande, no lado sul da ilha, uma espetacular enseada rochosa invadida pela espuma branca do mar revolto, que pode ser contemplada do alto de uma íngreme escarpa. Ao contrário, a Praia do Sul é uma bucólica extensão de areia, decorada por amendoeiras e banhada por um mar manso.

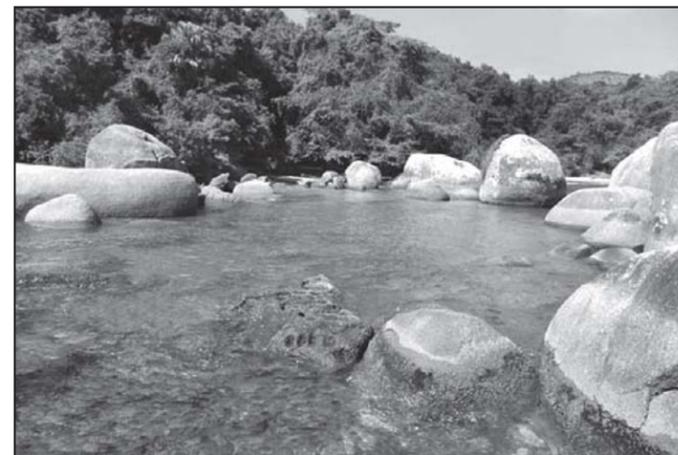
O Potencial

Mas a Ilha Anchieta tem a possibilidade de outros caminhos, mais longos e interessantes. A pequenina Praia do Leste é hoje fechada para pesquisa, mas é especial no seu isolamento. A ilha tem quase 15 km de costões, com belas vistas para o agitado mar ao sul, que poderiam ser parcialmente percorridos. E o Pico do Papagaio (345m) deve propiciar uma ampla visão do litoral desde a Lagoinha até Ubatuba e, em especial, da Praia da Enseada e do Saco da Ribeira, que lhe são frontais.

A Visita

Você deve seguir com antecedência as regras para agendamento, informe-se no endereço peianchieta@yahoo.com.br. A visita deve ser necessariamente acompanhada por monitor. Se seu grupo for pe-

queno, procure uma embarcação de alumínio, são as únicas com preço adequado – apesar de mais rápidas e seguras, as lanchas só compensam para grupos de seis ou mais. Um dia será suficiente para conhecer a ilha – e para mergulhar no seu costão norte, com visão dos peixes nos dias de verão. Apesar de restrita, a Ilha Anchieta é muito graciosa, com um aspecto pitoresco que você não encontrará nas praias do continente e nas ilhas maiores.



BASE BRASIL

Na compra de um produto **BASE BRASIL** NAS LOJAS CREDENCIADAS CONCORRA À

R\$ 500,00

EM PRODUTOS DA MARCA

Além de uma loja de equipamentos outdoor você acaba de ganhar um centro de informações

Na Bivak você encontra:

- Assistência na escolha dos equipamentos
- Atendimento personalizado
- As melhores marcas e muito mais!

Marmot, CLIMB, BONIER EQUIPAMENTOS, PETZL, Black Diamond, CURTLO, deuter

BIVAK OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995 - Rua Caramuru, 523
Praça da Árvore - São Paulo
a 2 quarteirões do Praça da Árvore



LUCIANO FERNANDES | SP

Qual seria a sua reação, se soubesse que por uma economia de 2% no orçamento, o seu estado fecharia quase 1/4 dos parques existentes?

Acredito que somente por esta pergunta muitas pessoas estariam em polvorosa. Pois foi exatamente esta situação que o estado

da Califórnia, que é um dos estados mais ricos dos EUA, colocou para a sua população. Seria o equivalente ao estado de São Paulo tomar a mesma decisão fechando locais como PETAR ou a Pedra do Baú. O mais irônico nesta "economia" de orçamento é que a quantia poderia ser facilmente economizada sob outros aspectos, como por exemplo, o corte de gastos e mordomias na câmara de deputados.

Análises à parte, a decisão tomada foi: fechar as portas dos parques. Com o fechamento, estes ficariam expostos a vandalismo, degradação e até mesmo destruição clandestina. Os produtores do filme "Tem First 70" resolveram não ficar só lamentando e realizaram um documentário em que captaram imagens de cada um destes parques que iriam ser fechados.

Foram visitados todos os parques em um espaço de três meses. Nesta viagem os produtores aproveitaram para além de captar imagens, en-

trevisar funcionários dos parques, frequentadores assíduos e líderes comunitários. O resultado deste esforço foi um filme tocante, e mesmo possuindo várias críticas contundentes às decisões políticas em questão.

Procurando durante a execução realizar uma reflexão filosófica do impacto disso tudo. O resultado disso é um filme poético e emocionante. A decisão de ser um filme que conscientizasse, mas sem possuir um cunho ativista ambientalista foi a escolha correta. Com boas animações gráficas, e uma narração em que não há alteração do tom, o filme é desde já um excelente exemplo de que como fazer um filme de ativismo ecológico sem degradar ou cansar. Ficou claro que nele não há espaço para os "eco-chatos".

O filme "The First 70" tem como seu maior mérito ser poético sem ser piegas.

A todo o momento o filme se esquivava de realizar muitas lamentações e procura mostrar so-

luições para os problemas. Com isso o filme usa de técnicas conhecidas de autoajuda e de motivacional de maneira sutil e eficiente. Com uma sequência de imagens de beleza estética indiscutível, o filme transcorre em seus poucos minutos de maneira a passar a sua mensagem de que é possível sim fazer este tipo de decisão ser revertida.

A produção tem como grande qualidade também o fato de também retratar os exemplos em alguns parques que encontraram soluções e reverteu o fechamento.

Estas soluções foram as mais diversas: desde parceria com empresas de cidades próximas aos parques e até mesmo um abaixo assinado entregue por crianças e filmado pela mídia para pressionar políticos.

Com uma edição primorosa o filme ensina de maneira bem suave e emocionante como é possível fazer o próprio sistema funcionar a favor da ecologia.

Seria algo a poder melhorar usar o recurso de legendas para que identificasse qual lugar estavam retratando, já que foram percorrido cada um dos 70 parques estaduais que estariam ameaçados. A produção do filme foi totalmente bancada utilizando um site de "crowd found". O site Kickstart.com teve participação fundamental na realização do projeto. Quando postularam para a realização a intenção era arrecadar cerca de US\$ 35.000 para cobrir os gastos. O valor total arrecadado foi mais de US\$ 57.000. Até o momento o filme foi exibido em sessões de cinema especiais e pela internet para quem colaborou com a iniciativa.

Valor este que os produtores assumiram o compromisso público de utilizá-lo para a produção integralmente.

Produção como esta engrandece enormemente a realização de filmes outdoor, e de cunho ecológico. Conseguindo com a sua elegância de imagens e simplicidade de roteiro mostrar que é possível sim fazer um filme ativista que agrade desde os moderados até os mais radicais.

Ainda não está confirmado que o filme seja exibido este ano de 2012 no Brasil, seja em festivais de cinema voltados para ecologia, nem no Festival de Filmes de Montanha.



Pelas Trilhas da Serra da Mantiqueira



Para quem tem uma mountain bike revisada na mão e os devidos equipamentos de segurança como capacete, faróis e uma pequena mochila para levar uma máquina fotográfica, um par de sapatilhas, água, lanche, câmara de pneu e bomba de ar, entre outras coisas, certamente irá vivenciar momentos únicos e inesquecíveis nas inúmeras opções de roles existentes por aqui.

Partindo da cidade de Itajubá, pegamos a estrada principal que dá acesso a cidade de Piranguçu - MG, por asfalto até a cidade. Da cidade em diante começa a parte bacana do circuito, iniciando em estrada de terra bem plana, seguindo em direção a Vila Maria, bairro que faz divisa de MG e SP, que tem como um atrativo especial uma linda represa (Usina São Bernardo, que junto à altitude do vilarejo, forma uma das mais belas paisagens da região).

Seguindo as Margens da Represa sempre pela sua direita chegamos ao asfalto que liga Campos do Jordão a São Bento do Sapucaí. Ali subimos um trecho de asfalto até a virada da Serra, que tem um acesso de estrada de terra que vai até a Pedra do Baú, que é o ponto final do pedal, tendo ali uma visão privilegiada da Pedra e também de todo Vale de São Bento do Sapucaí.

Um atrativo de pedal na cidade de Itajubá - MG, é o circuito da Serra dos Toledos, que é uma região que oferece uma das opções mais rápidas para se curtir uma cachoeira. Pedalando bem de leve, iremos chegar a cachoeira do Corredor onde é possível relaxar a mente em meio a mata ciliar ainda preservada. Seguindo serra acima, passaremos pela cachoeira do Dique que também merece uma breve pausa para fotografia e contemplação. Subindo mais um pouco estaremos bem próximos a Pedrinha, um perfeito campo escola para atividades verticais onde é possível praticar todas as modalidades da escalada e do rapel. Já que estamos ali, podemos ir conhecer o bairro da Peroba, um vilarejo situado a mais de 1.300m de altitude com moradores super hospitaleiros que fazem

questão de prostrar com você por alguns minutos, ou melhor, por algumas horas! Partindo para uma das regiões mais frias da Mantiqueira, temos o pedal clássico Delfim Moreira x Passa Quatro. Um pedal de vários atrativos naturais e com certeza uns dos mais desafiadores da região. Tomando um café tradicional na cidade de Delfim Moreira é com certeza iniciar o pedal com o pé direito, pois de início já se encara uma serra de 14 km até a divisa com Marmelópolis - MG. Nessa serra a paisagem não muda, são centenas de Araucárias que a cada km conquistado vão se multiplicando. Chegando a virada da serra a paisagem já começa a ganhar uma forma diferente, ganhando a vista do belo Maciço do Pico dos Marins que esta situado na parte alta da Mantiqueira a 2.422m de Altitude, no Município de Marmelópolis.

Chegando ao Município é hora de abastecer a caramanholha em varias minas d'água à beira da estrada, que até a cidade de Passa Quatro é abundante. Seguindo o pedal partimos sentido a cidade de Virginia até o bairro do Morangal, pegando no bairro um atalho que corta a cidade ganhando tempo no trajeto. Chegando ao final desse atalho já deparamos de frente com a enorme Serra Fina, aonde se encontra a Pedra da Mina, a quarta maior montanha do país com 2.798m de altitude. Seguindo até o final do desvio chega a parte divertida do pedal, que trata de uma descida alucinante até a cidade de Passa Quatro, que com charme, acaba as margens da linha de trem ainda ativa na cidade.

Minas Gerais é conhecida em todo Brasil como uma das regiões mais propicias para pratica do Mountain Bike, tendo assim os melhores atletas da atualidade na modalidade. Na Mantiqueira encontra-se trilhas para todos os tipos de pedais, desde aqueles que apenas querem curtir as belas paisagens que a Mantiqueira oferece, e até aqueles atletas que buscam treinar e melhorar suas técnicas e habilidade em trilhas de alto nível de dificuldade.

Uma dica de um pedal para quem esta buscando um melhor rendimento em competições é a volta dos Borges. Tendo inicio a cidade de Wenceslau Braz - MG, o pedal é asfalto em um curto trecho até uma entrada de estrada de terra. Seguindo em sentido da Fazenda da Onça, que fica no bairro do Charco. Já de inicio encara-se uma serra não muito forte de 12 km, porém, constante e sem folga até o Charco. Do bairro em diante continua subindo porém com umas restas intercalando até o portal do horto florestal de Campos do Jordão. Já na esquerda do portal encontra-se uma trilha, aonde em meio à mata fechada e bem técnica, com erosões e muita areia solta, cortando toda parte alta da serra até chegar ao bairro dos Borges. Chegando ao bairro é hora de repor as energias tomando a tradicional Tubaina. Dali em diante inicia uma descida longa até o bairro do São Bernardo, que tem como atrativo umas das cachoeiras mais belas da região. Do bairro em diante a estrada vai descendo todo vale passando por vilarejos e bairros até retornar ao asfalto que dá acesso a cidade de Wenceslau Braz.

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br



Rua Apeninós 803, São Paulo SP
11 3562 1801

Com certeza esse é um pedal que é de nível superior aos demais da região, pois envolve tecnica do ciclista, resistência e também habilidade de mecânica, pois em grande parte do pedal na parte alta da serra não se encontra casas, assim tendo que usar de seus próprios recursos para manutenção da bike caso precise. Com circuito finalizado de partida e chegada a cidade, totalizam 60 km de pedal, sendo a metade em trilhas técnicas, dando mais emoção a quem procura aprimorar suas habilidades e curtir todos os quilômetros rodados pelas trilhas da Mantiqueira.

Junto a essas trilhas citadas da região da Mantiqueira encontram-se outras que estão espalhadas a cada cantinho dessa região maravilhosa e rica em aspectos naturais.

Trilhas que hoje são muito bem sinalizadas e muito visitadas, podem ser encontradas aos arredores da cidade hospitaleira de Gonçalves - Mg. Rodeada de belas trilhas e cachoeiras é uma bela dica para quem quer encontrar um pedal tranquilo em meio a mata nativa. Entre essas trilhas e cidades citadas, é apenas um convite para quem é amante de aventura outdoor.

Venha para Mantiqueira e vivencie o Mountain Bike com mais adrenalina e emoção!

Atleta de Mountain Bike. Curtlo. Tribou Montanhismo. Central Bike.

Pancas

Os grandes monolitos do ES

Texto: Oswaldo Baldin, ES



Nos últimos anos a cidade de Pancas tem ganhado um olhar mais especial por parte dos escaladores, que vem visitando o município com mais frequência decorrente da alavancada nas conquistas à partir de 2010. Resultando em escaladas no estilo tradicional que vão até os 600 metros de extensão, e cortam faces de paredões de grande beleza paisagística. Tudo isso reunido na extensa cadeia montanhosa do Monumento Natural dos Pontões Capixaba.

A escalada em Pancas iniciou há muitas décadas atrás, em 1959 com a conquista da Pedra da Agulha através da longa Chaminé Brasília com 450 metros. Uma via que foi considerada durante muitos anos uma das mais difíceis do Brasil, e que conta com poucas repetições, tamanha sua complexidade considerada até os dias de hoje.

Depois dessa conquista, as imponentes montanhas da cidade ficaram adormecidas por parte dos escaladores. Passaram-se 41 anos para um novo cume ser escalado em Pancas. Foi então que em 2000 a Pedra da Gaveta ganhou uma via em seu paredão frontal (Paredão Carlos Bernardo, 5º Vlla D4 E4, 600m).

No ano de 2008 foi conquistada a Pedra da Jararaca (Natureza na Passarela, 4º V+ A1 D1, 100m) na rodovia que dá acesso à cidade. E em 2009 foi conquistada a Pedra do Operário (MissPanca, 4º V A1 D2, 330m): um paredão encravado dentro da cidade.

A maior frequência de novas escaladas no município vem acontecendo nos últimos três anos. Em 2010 foram conquistadas a Pedra da Cara (Face Oculta, 4º IV+ D2 E3, 290m), por uma bela aresta cercada pelas imponentes Agulha, Gaveta e Camelo. A Pedra da Mula (Cor de Mula Quando Foge, 6º VI+ D3 E3/4, 150m) no distrito de Lajinha foi escalada por um grande diedro que levou até um enorme buraco que dá nome à pedra. A Pedra do Camelo (Deserto Vertical, 6º Vlla D4 E5, 500m) foi escalada através de um sistema de fissuras e chaminé. E paralelo às tradicionais, um point de escalada esportiva começou a ser desenvolvido.

Em 2011 a Pedra do Jacaré (Casa da Mãe Joana, 4º VI D2 E3, 330m) - localizada dentro do Córrego do Palmital - recebeu sua primeira via. E depois de 52 anos a Pedra da Agulha ganhou sua segunda via (Paredão Bernardo Collares,

4º Vlla D4, 600m), que segue uma longa aresta pelo lado oposto da chaminé. E neste ano de 2012 duas vias foram conquistadas até o momento. Na Pedra da Boca (Irrara, 4º V D1 E2, 240m) foi aberta uma via na parte detrás do grande negativo que dá nome à pedra. E recentemente a Pedra do Jacaré ganhou sua segunda via (*Terceiro Elemento*, 4º V D2 E3/4, 530m), que segue a linha de maior extensão da montanha. E ainda existem outras três vias que estão para ser finalizadas em breve. Este é o cenário atual da escalada em Pancas: 15 vias que caracterizam por serem escaladas no estilo tradicional. A maioria são 'vias de face' pelos paredões que contam agarras e muitos cristais, e protegidas com grampos e chapeletas. E outras que mesclam chaminés e fendas fazendo-se o uso de proteções móveis, e se caracterizando como escaladas 'de aventura'.

Belas caminhadas também são possíveis na região dos Pontões Capixaba, sendo a subida da Pedra do Camelo a que destaca. É uma 'escalaminhada' que intercala trechos de costões e mata, e sobe por detrás da montanha atingindo a parte mais alta da 'cabeça' do Camelo. Do cume o visual é fantástico, podendo ser observado a cidade de Pancas encravada entre o vale e cercada pelos paredões. Outra opção de caminhada é pelo Córrego do Palmital, que segue por trilhas em meio à mata, passando por riachos, e o tempo todo rodeado pela grandes montanhas ao entorno. Com essas características já consolidadas e um potencial visível para ainda ser explorado, Pancas vem se tornando um destino certo para o montanhismo, e para grandes escaladas no Espírito Santo.

Oswaldo Baldin é escalador apoiado por Conquista, Snake, Resseg, Camp e Cassin / www.oswaldobaldin.com.br

CASA DE PEDRA



NOVA LOJA CASA DE PEDRA CONCEPT STORE!

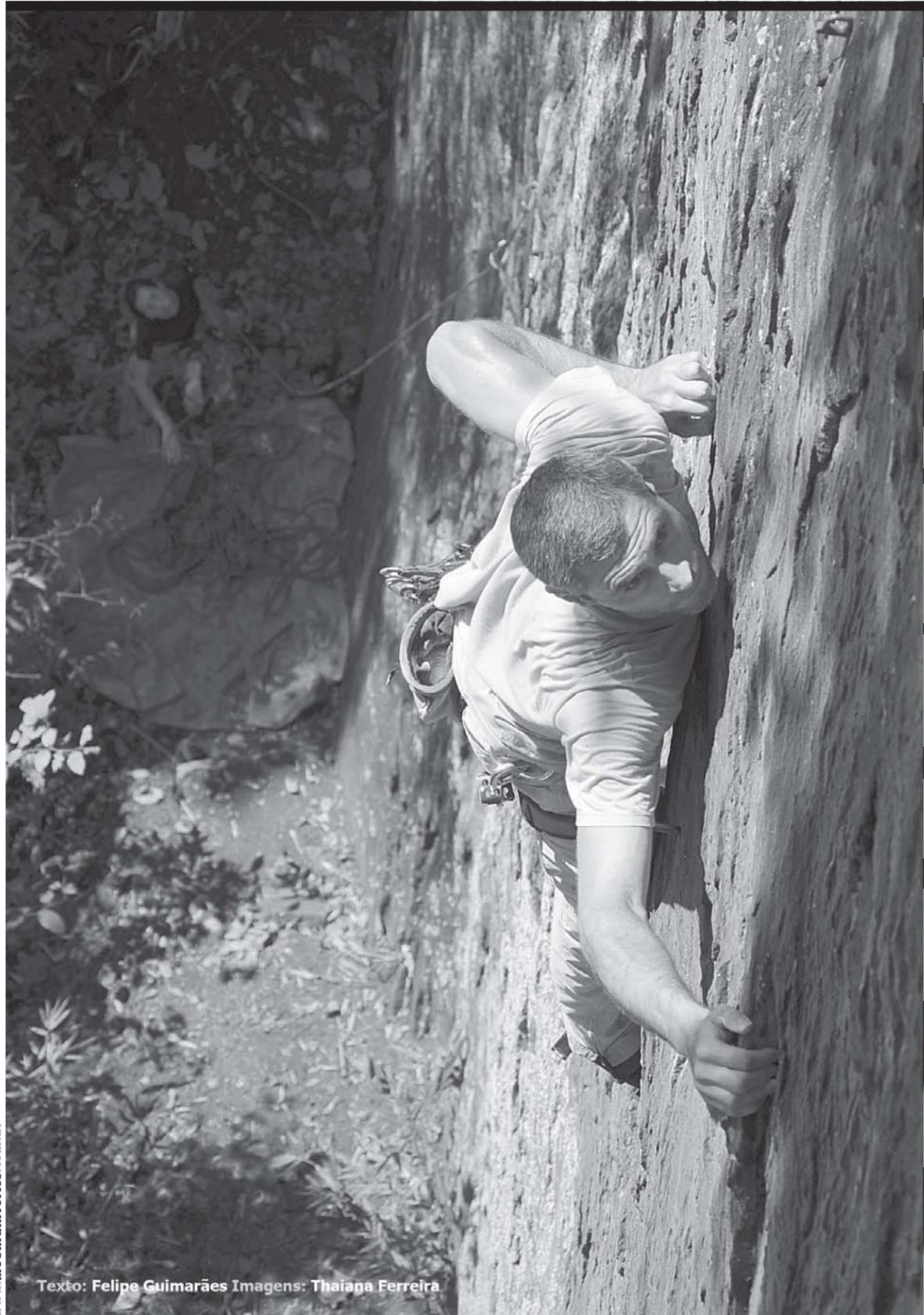
A MAIOR VARIEDADE DE ARTIGOS PARA MONTANHISTAS

ITAIM - SÃO PAULO

INAUGURAÇÃO - JULHO 2012

GINÁSIO DE ESCALADA - RUA VENÂNCIO AIRES, 31 - TEL. 11.38751521

WWW.CASADEPEDRA.COM.BR



BREJETUBA

Texto: Felipe Guimarães Imagens: Thaiana Ferreira

Brejetuba é um jovem point de escalada com muito potencial, localizado na cidade paulista de Cruzeiro no bairro Brejetuba, por isso o nome. Do bairro já se tem visão da pedra. Ela está localizada em terreno particular onde não tem taxas de visitação, apenas restrições feitas por escaladores locais com relação há novas conquistas, pois já existem alguns projetos. São 30 minutos de caminhada morro acima, onde se tem visão da Pedrao todo o tempo, partindo da estrada de terra, que é onde se deixa o carro. Para quem quiser ir de ônibus, tem circular que para na entrada da trilha saindo da rodoviária de Cruzeiro sentido o bairro Brejetuba ou EmbauMirim.

Para ter acesso a trilha, é preciso passar em duas cercas de arame farpado, onde pedimos para evitar problemas com as vacas que estão no pasto onde fica a rocha.

A trilha é íngreme com grande potencial para erosão. Os frequentadores locais já começaram um trabalho de manutenção e contenção da trilha quase na base da rocha, e também no acesso da parede principal para o setor dos negativos da direita.

O solo na trilha é bem frágil, e pedimos para os visitantes evitarem fazer novos acessos e desvios da trilha já definida. Minha primeira visita a este belo local foi com meu grande amigo Leonardo Lopes junto com Lorrán Rimold em 1998. Nessa época só existia uma via que um alemão havia conquistado, sendo três enfiadas, onde a primeira era feita em artificial e com os grampos "P" virados para baixo tendo uma parada em um Piton e mais um grampo "P", seguindo a segunda enfiada da linha para a esquerda e depois para cima com graduação de 5º grau até o final da via. O primeiro a escalar essa via em livre foi o Lorrán, e ele sugeriu a graduação de Villa francês que é um Villa no Brasil, mandando de primeira. Hoje essa via é a clássica do lugar.

Nesse meio tempo, foi construída no Ginásio Poliesportivo de Cruzeiro uma parede de escalada na quadra de futsal, a qual ajudou bastante à turma na evolução da pegada. Eu mesmo cheguei a sair várias vezes de Itamonte com o Leo para irmos escalar nessa parede que era bem bacana. Ela tinha seis metros de altura por quatro de largura, onde escalávamos guiando ou de top rope. Isso fomentou bastante o montanhismo da região, trazendo muito entusiasmo para a turma. Nessa época eu ainda usava kichute, o qual usei por dois longos anos, e me diverti muito. Após isso o point começou a ser mais frequentado, surgindo outras novas conquistas que foram a *Songamonga V*, a *Marvada VI* e a *Sucuri V*, que era em móvel, onde foi minha primeira experiência com equipamentos dessa natureza com o Alexandre. Hoje em dia o local conta com dois setores bem definidos, sendo o setor principal onde ficam as paredes maiores chegando a 80 metros de altura e o setor da direita, o mais frequentado, que tem as paredes de inclinação negativa com vias de até 25 metros.

Em meados do ano de 2001, eu e o montanhista e escalador Marcel Rainer de Caxambu-MG, demos início a uma linda via no setor da direita na parede dos negativos. Fizemos a conquista de baixo para cima no batedor, fixando sete grampos "P", e precisamos somente de um buraco de clif para conseguir a progressão para fechar o projeto inicial. Meses depois, quan-

do eu e Thiago Mendes também de Itamonte, estávamos finalizando essa conquista, após ter colocado mais dois grampos também no batedor, estendendo a via até um platô, fui dar uma experimentada para sentir como tinha ficado a brincadeira e em um ponto de descanso já na virada do teto, passando magnésio na mão direita, a agarra que eu estava segurando se quebrou e acertou o meio da minha testa, nascendo assim o nome da via que ficou *A Terceira Visão*.

Essa via trouxe fortes escaladores da região do entorno para frequentarem o local, como Juliano Magalhães de Resende e seus parceiros Almir Neves, o Alicate, Valdinei Batista e Eduardo Luigi, que deixaram uma linda conquista também na parede dos negativos, de nome *Black Power VIIa*.

Pouco tempo depois iniciei uma nova conquista com minha primeira furadeira junto de Marcel Rainer, localizada mais a direita na mesma parede dos negativos, denominada *Dor de Coto-velo*, ela fica a direita da via *Trincheira*.

Hoje o local conta com 18 vias que variam de V a IXA, sendo algumas de escalada em móvel. O tipo de rocha é o gnaiss. O croqui esta no site da RockTrip Resende no link

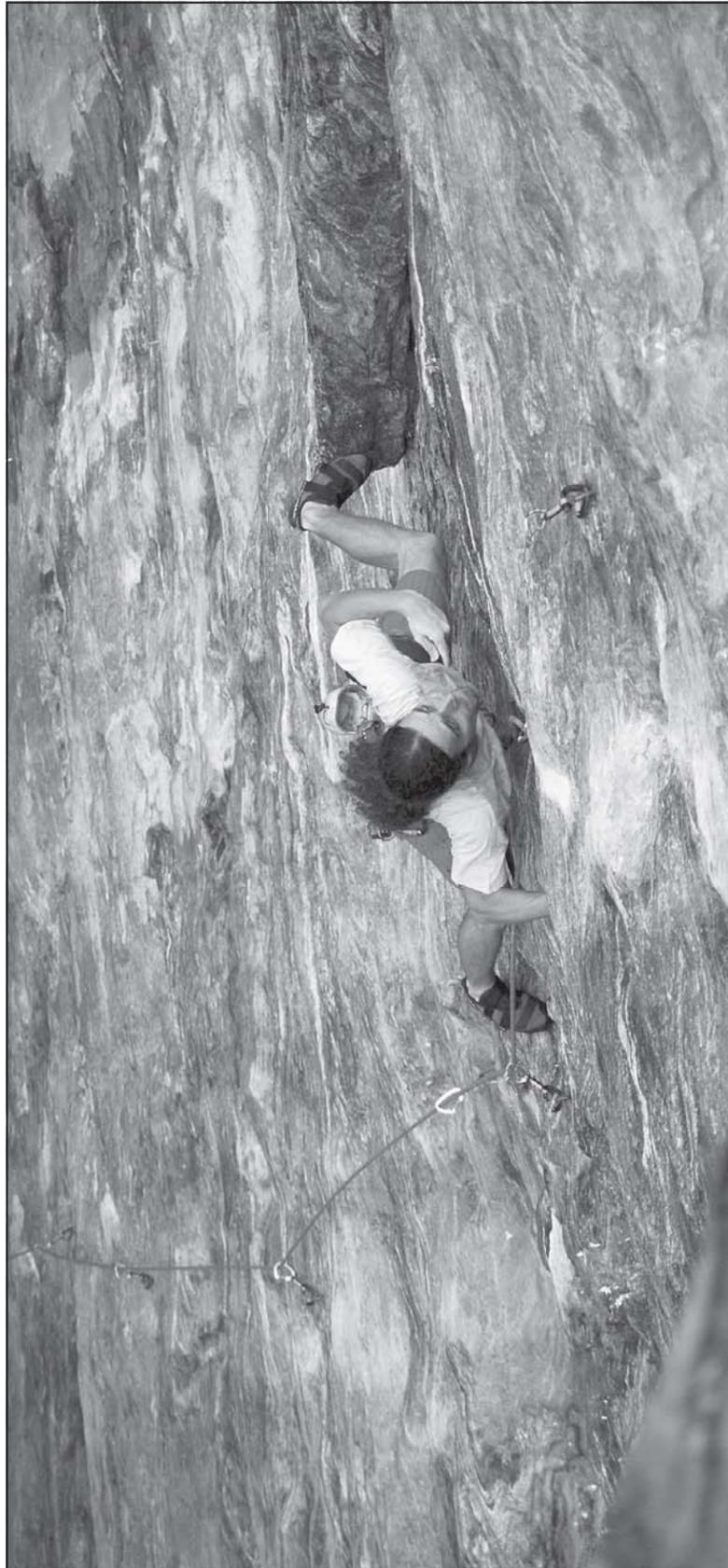
<http://rtr.110mb.com/pg/croquibreje.htm> cedido pelo grande montanhista, escalador e conquistador Juliano Magalhães.

Minha ultima visita ao Brejetuba foi apenas para escalar, com a boa companhia do amigo Jordano Foltran Pazim, morador de Cruzeiro. Em breve mais notícias das novas conquistas no local.

Como Chegar

O principal acesso é feito pela BR 116, para quem vem dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e regiões Norte e Sul do país. Já para quem vem de Minas Gerais, Espírito Santo e regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o acesso é feito pela BR 393. Rodovia Presidente Dutra, no sentido Rio-São Paulo pode entrar no Km 25 e passar pela cidade de Lavrinhas ou no Km 33,5 entrando na Rodovia Hamilton Vieira Mendes, chegando ao centro da cidade. Para quem vem do sul de minas pela Rod.52 - Rodovia Dr. Avelino Junior, chegando no trevo vira a direita sentido Cachoeira Paulista. Vindo pela Estrada Itajubá / Piquete entra no trevo em Piquete a esquerda segue em frente até o trevo do Embau e vira novamente à esquerda sentido Cruzeiro." (Fonte Rock Trip Resende).

Felipe Guimarães é guia de montanha e escalada, tem o apoio da "Velo Sport" e é dono da empresa Picus.



Entrevista com Hillo Santana

O polêmico escalador Hillo Santana fala um pouco da sua visão sobre o montanhismo e a escalada no Brasil.

BETO JOLLY | RJ

O que te levou ao montanhismo?

A essência da montanha sempre esteve presente na minha vida. Quando criança costumava caminhar pelos bosques e florestas com a mais pura sintonia e reverência. Hoje, adulto, faço grandes travessias e difíceis e grandes vias de escaladas. A minha primeira escalada foi o paredão "CEPI", uma via ferrata na face oeste do Pão de Açúcar no início na década de oitenta. Nesta época eu morava na Urca e até hoje eu faço o CEPI como uma atividade de exercício a mais.

E sua aproximação com a montanha?

Eu tinha um vizinho italiano que era alpinista, ele me emprestava alguns equipamentos. Fazíamos o CEPI com muita frequência. Em 1986 foi o ano definitivo, resolvi sair um pouco do CEPI e passei a frequentar algumas vias de escalada que pudesse guiar. Em 1987 meu amigo teve que voltar pra Itália, antes dele partir ele me deu um oitão e algumas costuras expressas, olhou dentro dos meus olhos e disse: "Sempre que você quiser escalar uma via, nunca peça a ninguém para te levar. Treine fisicamente, tecnicamente e psicologicamente e vá. Mas antes de tudo, saiba onde está indo, saiba onde está pisando." Compreendi perfeitamente a mensagem; no mesmo ano convidei meu amigo Luiz Cláudio "Pita" Bitencourt, que mora atualmente na Grécia, para fazer o CEPI e passamos a escalar por muitos longos anos.

Vale lembrar que na época não existia loja de equipamento de escalada no Brasil, meu primeiro baudrier comprei com o falecido Rainildo, ex-sócio do clube CEB.

Porque a escalada em solo te atrai?

A escalada solo é um estilo muito bonito, escalar sem a segurança da corda para segurar uma eventual queda é uma situação para poucos. Sofri recentemente a Leste do Pico Maior de Nova Friburgo. A Leste do Dedo de Deus e a chaminé Galloli no Pão de Açúcar. Alguns escaladores acreditam que solar uma montanha se resume em treinar para passar o crux com facilidade. É isso também, mas o que realmente conta é o conjunto de vários fatores sutis que influenciam diretamente quando solo uma via.

Quais são os seus principais projetos de escalada para este ano?

Pretendo fazer um documentário de escalada para a cinema e algumas conquistas.

Como surgiu a ideia da sua conquista da via Nova Era na face sudeste da Pedra do Sino no P.N. da Serra dos Orgãos?

A ideia inicialmente surgiu em 2008 quando estava no navio do Greenpeace Artic Sunrise; mostrei algumas fotos do paredão do Sino para o argentino Pablo Loranço, excelente escalador de big wall. Ele gostou muito da linha onde pretendíamos conquistar a nova via e providenciou um patrocínio no Banco Itaú, pois ele era casado com a dona do Banco.

Pablo alguns meses depois me disse que havia desfeito o seu casamento e que não iria assinar o contrato do patrocínio. Então finalmente consegui algum patrocínio e apoios e partimos para o objetivo em agosto de 2011. Foi uma das vias mais exigente e difíceis que conquistei. Foi possível escalar 90% da via em livre. A conquista demorou 45 dias. Se tornou a maior e a mais difícil escalada da Pedra do Sino e uma das mais técnicas do Brasil.

Como você vê a transformação do Rio de Janeiro para receber os jogos olímpicos e qual o impacto das mudanças da vida do carioca e do esporte de montanha?

Pode se dizer que o Rio de Janeiro é a capital do mundo, ou seja, a cidade do momento; em breve toda a imprensa internacional e toda a atenção

mundial se centralizará aqui. Vários eventos aconteceram e muitos ainda estão por vir como por exemplo as Paraolimpíadas, Rock in Rio, Jogos Militares, Copa do mundo de Futebol, visita do Papa a disputa dos Jogos Olímpicos, teremos a Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre o desenvolvimento sustentável que será realizada em junho deste ano; assim é conhecida por que marca os 20 anos de realização da conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, (Rio 92) e deverá contribuir para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas. O objetivo da conferência é renovar o compromisso político para a sustentabilidade mundial, avaliar o progresso e apontar as lacunas na implementação dos resultados da Rio 92, como também enfrentar os novos desafios emergentes.

O esporte de montanha tem um futuro, mas eles também tem uma história. Tivemos os 100 anos da conquista do Dedo de Deus, montanha que estabeleceu o marco definitivo da escalada brasileira, teremos o open boat o navio de última geração do Greenpeace cada detalhe foi pensado para ser energeticamente eficiente e sustentável e para reduzir a pegada de carbono o navio Rainbow Warrior estará ancorado no Pier Mauá para visita pública dia 12 de junho e etc. Quanto às mudanças da vida dos cariocas eu diria que todos esses eventos acontecendo aqui fortalecem muito as relações diplomáticas e a vida de todo cidadão brasileiro.

Hillo como você vê o impacto ambiental e os problemas causados pelo crescimento acelerado do número de escaladores e montanhistas?

Este assunto é muito complexo, eu posso ir além disso. O ecossistema das montanhas do Rio de Janeiro é característico da Mata Atlântica secundária. Ainda existem resquícios das matas originais nos pontos de difícil acesso; o lixo o descuido os incêndios intencionais vem descaracterizando este lugar tão especial, o intenso uso das trilhas tem causado grandes erosões em alguns trechos. Tenho observado uma nova geração de jovens e crianças que de forma natural e espontânea cuidam mais da natureza. Em geral as pessoas ainda tem um olhar pessimista em relação às mudanças necessárias para evitar o agravamento dos problemas ambientais causados pelo homem. No entanto vale destacar que é preciso valorizar as pequenas coisas as pequenas novas atitudes no cotidiano da sociedade, afinal são elas que podem transformar o futuro. Nós montanhistas temos a condição de escolher que futuro queremos para nós mesmos, que encorajar um comportamento sustentável, temos que melhorar a nossa mentalidade e desenvolver um olhar em relação à Terra pra que possamos então sentir-se parte dela e conviver respeitando, devemos estender o nosso olhar a todos os seres com as quais interagimos e convivemos.

Você escala todos os dias?

Tenho muro de escalada em casa. Escalo todos os dias mas tenho treinado pouco, corro 10 km 3 vezes na semana, ando de bicicleta entre 100 e 200km por semana e nado no mar por 40 minutos, faço muita caminhada pesada. Estas atividades me ajudam muito na parte aeróbica.

Quais as modalidades da escalada que mais te agradam?

Gosto de escalar os mais variados estilos possíveis: big wall, boulder, aderência, fendas, chaminé, escalada artificial móvel, escalada esportiva, escalada tradicional, agarras, dentre outras. É importante e necessário escalar muitos e diferentes tipos de escalada e de rochas, isso fortalece o psicológico e desta for-

ma escalamos com mais segurança e mais confiança.

Quais os escaladores que mais te influenciaram desde o início?

Os escaladores que me influenciaram foram Kátia Torres, Sérgio Tartari, Alexandre Portela e o Paulo Macaco (Paulo César Bastos).

Onde você começou a escalar big wall?

Na face sul do Corcovado, que é praticamente o quintal da minha casa. Big wall é uma modalidade para poucos; para guiar um big wall não basta estar escalando graduação elevada, a mente precisa estar forte, ou seja, o psicológico precisa estar bem. Esse é um dos fatores que mais passa segurança em um big wall. A experiência também conta, é claro.

Qual o big wall mais belo que você já escalou?

Todos os big walls tem sua beleza os mais bonitos do Brasil são sem dúvidas a via *Crazy Muzungu* no Garrafão e a Agulha do Diabo, ambos no Parque Nacional da Serra dos Orgãos. Li em uma revista que a Agulha do Diabo está entre as dez montanhas mais bonitas do mundo.

E quanto aos campeonatos de escaladas. Como vê e qual sua relação com as competições?

Parei de competir no ano 2000. Particpei de quase 300 competições entre elas a seletiva do Extreme Games e vários campeonatos brasileiros e sul americanos. Na década de oitenta as competições tinham boas premiações, nos dias atuais vejo uma decadência neste sentido.

Onde você mais gosta de escalar?

São muitos os pontos de escalada: Salinas, Serra dos Orgãos, Minas Gerais, Curitiba, Rio Grande do Sul, Goiás, Florianópolis e nordeste do país que possuem um grande potencial de lugares para se escalar. Quando estou no Rio eu frequento muito o Campo Escola 2000, a Barrinha e a Urca que é considerada um dos maiores centros urbanos de escalada do mundo por causa do acesso rápido as base das vias.

Você tem patrocínio atualmente? Quais são os seus patrocinadores?

Sim. Deuter, Princeton Tec, Sea to Summit e Safra Wine Store.

Como se interessou pelas ações promovidas pelo Greenpeace?

- Quem me influenciou a entrar no Greenpeace foi o trabalho realizado pelo oceanógrafo Jacques Yves Cousteau, mundialmente conhecido por suas viagens de pesquisas a bordo do Calypso. Jacques Cousteau criou uma sociedade para proteger a vida no oceano, aquela que sempre o apaixonou. Escreveu, filmou e inventou meios para poder permanecer mais tempo e em melhores condições debaixo de água. Nomeadamente, inventou, em parceria com Emile Gagnan, o Aqua-Lung, um cilindro de ar portátil que os mergulhadores usam para respirar. Outra das suas façanhas foi provar que o homem, apesar de não ter guelras, podia viver debaixo d'água. Construiu uma casa submarina, onde sua equipe viveu durante um mês a 100 metros de profundidade. Desde criança sempre lia tudo sobre Cousteau, assisti todos os seus filmes. Conquistei uma via em sua homenagem *Jacques Yves Cousteau* no Morro do Babilônia.

Houve alguma escalada que já o fez pensar "o que estou fazendo aqui?". Se sim, qual foi e porque?

Já estive em diversas situações muito difíceis na escalada; sempre estou preparado para situações diversas, em algumas vias de escalada é quase sempre possível calcular os

seus riscos que estão por vir nas iminentes cordadas. E as condições climáticas.

Muitos escaladores desejam escalar grandes vias como Atalho do Diabo ou Tragados pelo Tempo, qual seria sua recomendação de treinamento para objetivos como estes?

- Sugiro que escalem nas falésias da Barrinha e Campo Escola 2000, lá teremos base para ir no Atalho, vias tradicionais em paredes ajudam muito também. A Tragados é um via muito exigente, tem lances em livre obrigatório, mas nada impossível se o escalador realmente quiser fazer com um pouco de treino e muita força de vontade ele faz a via que quiser basta, mentalizar forte se organizar e partir por objetivo.

Escaladores sempre tem uma meta, de um grande desafio a superar. Qual seu maior desafio ou desejo de escalada da atualidade?

Todos os escaladores tem alguma meta na escalada. Por enquanto meus projetos estão encaminhados, estão em tramites.

Hoje, o destino de muitos escaladores brasileiros no verão é a Patagonia, algo raríssimo alguns anos antes. Como vê este aumento para este tipo de escalada alpina?

Este ano muitos brasileiros fizeram o cume do Cerro Chalten Fitz Roy e do Cerro Torre e diversas agulhas. Pretendo fazer a *Afanassief* no próximo verão se o tempo estiver favorável por lá.

Para você Hillo, escalar no muro artificial ajuda mesmo a escalar grandes paredes ou o melhor treinamento é mesmo a rocha?

Os dois treinos, muro e rocha, e vários outros, ajudam nas escaladas de grandes paredes e também a alimentação equilibrada.

A seu ver, qual é o fator mais importante em uma escalada comprometedor, como elevado grau de exposição, a técnica, a experiência ou o psicológico? Por quê?

Em uma escalada comprometedor a pessoa deve esta preparada psicologicamente, tecnicamente e ter muita experiência. O principal neste tipo de via e o conjunto visto como um todo; a interação com a equipe os equipamentos mais variados possíveis e o respeito pelo montanha.

Como você se prepara psicologicamente para escaladas ou conquistas consideradas bastante difíceis aqui no Rio de Janeiro?

O melhor forma de me preparar é escalando todos os dias variando os estilos. Diferentes tipos de vias. Conheci pessoas que escalam 10a e que não conseguiu guiar via de aderência de 7º grau.

Tem algum escalador com quem gostaria ainda de poder dividir a corda em uma escalada?

Gosto de escalar com Julio Campanela, escalador muito experiente a ágil na montanha, Sergio e muitos outros. Compartilhar uma escalada com os amigos e sempre bem vindo.

Deixe uma mensagem para os jovens da nova geração que estão iniciando na escalada.

É a mesma de sempre. A escalada não se resume em fazer uma via extrema em uma difícil falésia. Sugiro que procurem novos lugares para investir na escalada e que conheçam outros estilos. Aprendam a escalar em cursos homologados e respeitem as normas de segurança.

6º ENCONTRO CAPIXABA DE ESCALADA PANCAS-ES

Workshop Eliseu Frechou
Exposição Fotográfica
Parede de Escalada
Reflorestamento
Passeio Guiado

Valor da Inscrição: **R\$ 65,00**
(Camping, Café, Jantar e Camisa)

04 e 05 de Agosto

Apoio: Equipe Sombra, Destak, PLANETA MONTANHA, CONQUISTA, CLIMA, RESSEG

Patrocínio: ESPÍRITO SANTO, Organização: Associação Capixaba de Escalada - ACE

Maiores informações: www.ace-es.org.br

6º Encontro Capixaba de Escalada

Será nesse cenário que acontecerá o 6º Encontro Capixaba de Escalada nos dias 04 e 05 de Agosto. O evento é anual e organizado pela Associação Capixaba de Escalada (ACE). Acontece de forma itinerante, e já foi realizado em cinco municípios do Estado. E Pancas foi a cidade escolhida para sediar o evento este ano. Serão dois dias de muita confraternização entre escaladores de vários estados, grandes escaladas, palestra e workshop. E o evento terá também o objetivo de integrar os moradores com a cultura do montanhismo que esta em desenvolvimento no município. Para isso contarão com parede de escalada e outras atrações. Venha você também escalar nas belas montanhas dos Pontões Capixaba!

04/08 (Sábado)

- As escaladas seguem durante todo o dia;
18 às 20h: Jantar no centro de Pancas;
20:30 às 21:30h: Palestra com Eliseu Frechou;
22 às 23h: Sorteio de Brindes e Bazar de Equipamentos (novos e usados);
- Das 18 às 23h no centro da cidade o evento será aberto à população, com parede de escalada e outras atrações.

05/08 (Domingo):

As escaladas seguem durante todo o dia;
06 às 09h: Café da manhã nos campings;
08h: Caminhada na Pedra do Camelo (R\$20);
09h: Caminhada no Córrego do Palmital (R\$10);
09 às 09:30h: Reflorestamento;
10 às 11:30h: Workshop de Proteções Móveis;
12h: Encerramento oficial do evento.

INSCRIÇÕES:

- Valor: R\$ 65,00
- Incluso: 01 pernoite em camping, 01 café da manhã, 01 janta, camisa, croqui, palestra e workshop.

As inscrições acontecerão durante o mês de julho (01 à 31) pelo site da Associação Capixaba de Escalada - ACE (www.ace-es.org.br). E no site serão divulgadas informações detalhadas sobre o evento.

deuter

Quantas vezes você passou pela situação de procurar aquela mochila super bacana ou um saco de dormir da Deuter e não achou?

Agora, toda a linha Deuter disponível no Brasil pode ser encontrada facilmente pelo consumidor brasileiro nas Lojas Master!

Encontre a Loja Master mais próxima e fique por dentro das novidades da Deuter!

Loja Master
MASTER RETAILER

www.deuter.com.br

Eduardo Baffon - Heróis da resistência (da Esq) João Abel Cassimiro

www.mountainvoices.com.br

Pesquisa em Montanha no Brasil

Edson "Du Bois" Struminsk | PR

Qual a montanha mais alta do Brasil? Aliás, qual a altitude exata das montanhas brasileiras? O que é melhor, grampo ou chapeleta? Como se aclimatar corretamente? Qual o impacto ambiental da escalada? Qual a melhor maneira de se conservar uma trilha em montanha? Afinal, projetos como o Adote uma Montanha são realmente eficientes?

Perguntas como estas, meras curiosidades ou temas que envolvem a manutenção de ecossistemas, gastos de recursos, a vida ou a segurança das pessoas, entre outras, podem ser melhor respondidas se contarem com o apoio da pesquisa científica.

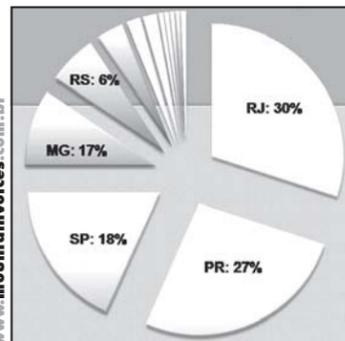
Esta foi uma das mensagens que eu passei durante o Primeiro Encontro Científico sobre Uso e Conservação de Montanhas, um dos eventos que integrou a Primeira Semana Brasileira de Montanhismo que aconteceu no Rio de Janeiro, entre os dias 23 de abril e primeiro de maio deste ano, através de uma conferência que apresenta dados sobre a produção científica desenvolvida no Brasil.

Porém, minha intenção principal neste evento foi apresentar um balanço da produção científica em ambientes de montanha, com dados que pudessem demonstrar os temas mais pesquisados, as regiões do Brasil, ou até mesmo os Estados da Federação onde mais ocorrem estas pesquisas. Tentei identificar também as instituições onde ocorrem estas pesquisas e mesmo fazer uma estimativa do número de pesquisadores envolvidos, além de tentar descobrir se existem grupos de pesquisa já organizados no país sobre este tema, ou se a produção neste ramo surge apenas por uma demanda espontânea de pesquisadores individuais.

Finalmente e isto é uma curiosidade à parte, quis saber se montanhistas ou escaladores tem algum interesse ou estão envolvidos de alguma forma em pesquisas científicas em montanhas. Os dados para esta tiveram origem no site www.pesquisaemmontanha.wordpress.com, do qual fui um dos criadores em janeiro de 2009 e que adapta a plataforma gratuita para blogs do wordpress na forma de um banco de dados que faz links com pesquisas já publicadas em outros meios eletrônicos. Normalmente tenho que fazer um vasto trabalho de "garimpagem" na internet, em buscadores como o Google acadêmico, Scielo, Domínio Público, com o intuito de encontrar e filtrar trabalhos que possam integrar o banco de dados do wordpress, muito embora alguns pesquisadores enviem espontaneamente seus trabalhos para integrar esta base de dados.

[Pesquisaemmontanha.wordpress.com](http://www.pesquisaemmontanha.wordpress.com) não é uma revista científica eletrônica. O leitor interessado nas pesquisas encontra um título resumido, os nomes dos autores dos trabalhos, o resumo da

Distribuição da pesquisa em montanha no Brasil, por Estado da Federação.



pesquisa e algumas palavras-chave, juntamente com um link que permite o acesso ao trabalho integral.

Um resumo sobre a pesquisa em montanha no Brasil

No momento em que apresentei a conferência no Rio, o site Pesquisaemmontanha.wordpress.com apresentava 159 trabalhos linkados nas categorias: documentos de referência (12), relatórios técnicos (10), conjuntos de mapas (2) e conjunto de imagens (2), geralmente produzidos por instituições, além de documentos científicos (133), estes últimos produzidos por pesquisadores individualmente ou em grupos.

Em alguns casos os documentos de referência e os relatórios técnicos apresentam mais de uma pesquisa produzida sobre um tema determinado. É o caso, por exemplo, de planos de manejo ou de workshops sobre um parque em montanha, com vários trabalhos individuais agrupados nas mais diferentes áreas de conhecimento. Nestes casos, para fins estatísticos, os trabalhos foram desagregados como produções individuais separadas, como de fato são, elevando a mais de 180 o número de pesquisas produzidas em montanha.

É possível perceber que as grandes áreas de conhecimento estão representadas: ciências biológicas, humanas e geociências e muito embora fauna, flora e geologia sejam áreas tradicionais de pesquisa quando se imagina um ambiente natural como uma montanha, já existem 20 trabalhos na categoria "manejo", que foram produzidos em trilhas ou em recuperação de áreas em montanha, havendo também um expressivo número (40) de pesquisas que tratam de aspectos sociais ligados à montanha.

A distribuição da pesquisa no Brasil. Existem ou não montanhas no Brasil? De acordo com os pesquisadores, em um país de dimensões continentais como o Brasil, com uma longa cadeia de montanhas paralela à costa atlântica, que vai do sul da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul e mais inúmeras chapadas e afloramentos rochosos distribuídos no interior do país, esta já é uma discussão ultrapassada. Para os pesquisadores das áreas de ciências biológicas, por exemplo, é visível com muita clareza a transição de ambientes entre diferentes patamares altimétricos, além da presença de ecossistemas e de espécies da fauna e flora que só se explicam pela presença de um ambiente montanhoso ou de um afloramento rochoso. Os ecólogos descrevem ambientes de montanha pela presença, por exemplo, de florestas altomontanas, campos de altitude ou vegetações ruprestres, juntamente com espécies endêmicas de montanhas, ou seja, que só ocorrem nestes ambientes específicos. Não é incomum um biólogo afirmar: "este sapinho só existe na montanha tal". O isolamento das montanhas induz a uma especialização excepcional para a fauna.

Estas espécies representam uma nova fronteira do conhecimento que está sendo aberta porque mais pesquisadores estão se aventurando em montanhas. Claro que pela presença destes ambientes diferenciados, foi possível detectar também usos particulares, alvo dos estudos das ciências humanas.

Foi possível identificar produção científica em montanhas em mais de 80 instituições de treze estados brasileiros, incluindo alguns do nordeste e envolvendo mais de 300 pesquisadores. No entanto, 57% da pesquisa é produzida em dois estados: Rio de Janeiro e Paraná. São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul somam mais 41%. A UFPR é a instituição do país com mais trabalhos publicados, seguida da UFRJ. Na verdade as instituições públicas de ensino e pesquisa carregam o piano. Consegui identificar quatro grupos de pesquisa, com temáticas rela-

cionadas a estes assuntos estão na base de dados do CNPq. Todos recentes, criados a partir de 2008 no Rio e Paraná.

Assim, estes estados do sul e sudeste do Brasil concentram, com suas universidades e instituições de pesquisa, a produção nesta temática no país. Provavelmente isto se deve à melhor estrutura das instituições de pesquisa destes estados, acesso mais facilitado às montanhas e, o que não é desprezível, tradição em montanhismo e na escalada no caso do Paraná e do Rio.

Com isto, não por acaso, montanhismo e na escalada aparecem estudados em mais de 60 trabalhos (estudos sobre trilhas em montanhas aparecem em outras 15 pesquisas). Certamente também não por acaso, estes estados reivindicam maior antiguidade na prática do montanhismo no país. Aliás, quando começou realmente o montanhismo no Brasil? Há 100 anos atrás como era o mote da Semana de Montanhismo do Rio? 130, 150, 200 anos, como querem outros estados, ou sugerem outras fontes? Trabalho típico para um pesquisador da área de história, que pode investigar documentos, discursos, evidências e só aí poder afirmar datas ou momentos em que a coisa aconteceu. Fora isto é mera especulação que pouca agrega à união do esporte.

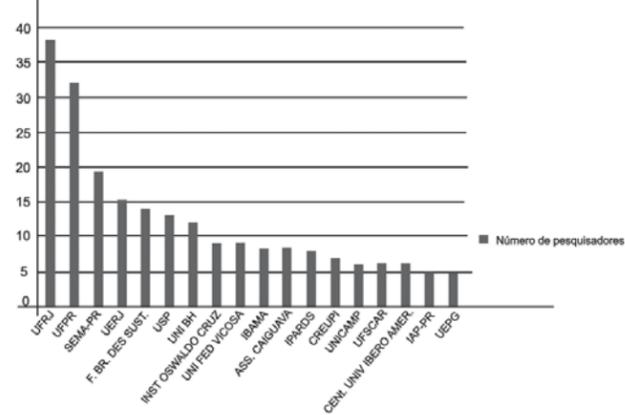
O certo é que hoje a presença da internet veio a auxiliar na tarefa dos pesquisadores. Claro que a produção disponível na internet é, obviamente, recente, porque a internet só começou a engatar como fonte de divulgação científica no século XXI. O trabalho mais antigo

disponibilizado na rede data de 1984. Porém é fato de que a partir do ano 2000 nota-se um crescimento no número de trabalhos disponibilizados, mas ainda é um crescimento irregular, o que pode significar que a pesquisa ainda está em fase de florescimento, com muitos trabalhos sendo produzidos em um período, seguindo-se temporadas com pouca produção. Provavelmente os grupos de pesquisa, todos recentes, ainda não puderam imprimir regularidade na produção neste setor.

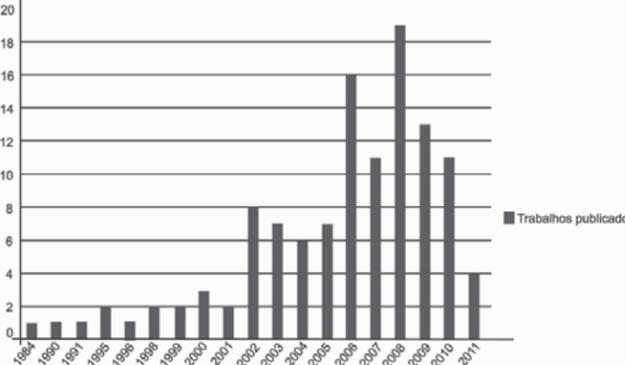
De qualquer modo, o surgimento destes grupos de pesquisa e o interesse crescente, já justifica que venha a ser criada e mantida uma linha de financiamento regular específica para pesquisas nestes ambientes, afinal eles são muito importantes para mais de 100 milhões de brasileiros que vivem aos pés de montanhas em nosso país, em grandes cidades ou em áreas rurais. Acredito que alguns temas de pesquisa em montanhas provavelmente irão adquirir importância nos próximos anos. São eles: instabilidade de encostas, manejo de UCs em montanhas, aquecimento global e montanhas, turismo, biodiversidade de espécies e de ecossistemas montanhosos. Com sorte e boa vontade montanhistas e pesquisadores começaram a ser vistos com mais frequência nas montanhas.

Conheça mais em: www.pesquisaemmontanha.wordpress.com

Instituições que mais produzem pesquisa de montanha no Brasil



A evolução da pesquisa de montanha no Brasil ao longo do tempo



CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOULDER 2012

18 e 19 de Agosto
Belo Horizonte - MG

ADRENA
Esporte e Aventura

O aniversário é nosso mas quem ganha o presente e você.

Premiação: Passagem para o Mundial em Paris

Mais informações no Facebook da Adrena Esporte e Aventura

www.halfdome.com.br

Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance

Al. dos Nhambiquaras, 946
São Paulo - Moema
Tel.: 11 5052-8082

evol.com.br

Sapatilhas de Escalada Evolv
Os melhores usam...

evol

Cursos de Escalada
Básico e avançado de escalada móvel, conquista big wall e recitagens

Guias de Montanha
Brasil: Pedra do Bau e região, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Sul e Nordeste
Exterior: EUA, Africa, México e Espanha

28 e 29 julho
Primeiros Socorros
Em Áreas Remotas
Curso 20 horas com Certificação Internacional

MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha
WWW.MONTANHISMUS.COM.BR
SAO BENTO DO SAPUCAÍ - SP
55 (12) 3971 3470

USAMOS O MELHOR: SNAKE SOLO deuter BOSCH

acesse também: www.eliseufrecho.com.br

Ilha Anchieta

Texto e imagens: Alberto Ortenblad, SP

Durante mais de dois anos, percorri as regiões litorâneas paulista e fluminense - espero que vocês tenham lido meia dúzia de relatos sobre travessias em ilhas, praias e montanhas. De todas estas regiões, a Ilha Anchieta é a menor delas, o que lhe dá um aspecto próprio, mais isolado e delicado. Apesar disto, ela tem uma história selvagem e violenta, que surpreende quem aporta em sua mansa enseada.

A Localização

A pequenina Ilha Anchieta fica no litoral paulista, praticamente frontal ao Saco da Ribeira, local de maior concentração de barcos de Ubatuba, aliás bem visíveis do Rio-Santos. É dele que se dá o acesso até a ilha, numa rápida travessia de apenas 9 km. Ela é abarcada pela APA marinha recém-criada de Cunhambebe, uma das três que protegem o litoral norte, desde São Sebastião (nos limites de Bertioga) até Ubatuba (na divisa com o Rio). O Boqueirão

Existe uma ponta do continente que avança rumo à ilha. Neste local, o canal tem pouco mais de 1/2 km, podendo ser transposto por canoa com mar manso. Porém antigamente esta passagem era muito visitada por tubarões. Hoje a pesca dispersou-os e, só mesmo quando o vento leste agita o mar, o Boqueirão não pode ser cruzado em segurança.

O Formato

A Ilha Anchieta teria um formato perfeitamente triangular em planta, não fosse pela presença de um grande arco, que forma a tranquila Enseada das Palmas, voltada a norte para o continente. Ficam nesta enseada cinco das sete praias da ilha - na realidade, estas praias são praticamente contínuas. As demais estão a sul e a leste, sendo que esta última não é aberta à visitação. É uma ilha pequena, com algo mais de 800 ha - compare-se com 20 mil para a Ilha Grande e 35 mil para Ilhabela.

O Relevo

De cada lado desta enseada existem elevações, com pouco além de 300 m de altitude: os Morros do Papagaio e do Farol, à esquerda e direita de quem chega. Por causa deles, os índios a chamavam de Ilha Poquã, ou pontuda. Provavelmente, foi por isto tida como Ilha dos Porcos até o séc. XX, quando seu nome foi mudado, em homenagem ao Padre Anchieta.

A Vegetação

É hoje totalmente secundária, devido ao corte da mata, às culturas agrícolas e à presença do fogo. Ela passa por processo de regeneração desde a fundação do Parque Estadual em 1977. Não existem grandes árvores ou florestas densas, mas é perceptível a diferença entre os dois morros, pois o mais íngreme mostra uma mata quase contínua. Nela são encontradas aroeiras, ingás, figueiras e guapuruvus. Além da mata atlântica, a ilha abriga restingas e costões rochosos.

A Fauna

Na década de 80, houve um movimento para abrir a ilha à exploração privada e então grupos ambientalistas nela introduziram defensivamente diversas espécies animais. Na época, acreditava-se que a presença de vida animal permitiria proteger a ilha. O Zoológico de São Paulo lá instalou (entre outros) capivaras, macacos-prego, quatis, lagartos e tatus. Algumas destas espécies tornaram-se superpopulosas (como cutias e sagüis),

enquanto outras estão retrocedendo devido à predação ou concentração genética (macacos e tatus). A presença de pássaros é discreta, mas os cardumes de tainhas, robalos, sardinhas e tartarugas são frequentes.

A Colonização

No início da colonização, a ilha pertencia ao cacique tupinambá Cunhambebe, em cuja memória acaba de ser criado um Parque no Estado do Rio (ver MV #123). Ocupada a seguir por holandeses e franceses, além de portugueses, a Ilha Anchieta nunca chegou a ter grande atividade, seja devido à sua topografia ou ao seu tamanho. Mas isto começou a mudar, com a instalação de uma colônia correccional no comecinho do séc. XX. Dizia-se na época que o internado de bom comportamento iria adquirir a posse de si mesmo até (...) a aproximação da liberdade.

A Imigração

Apesar do rápido malogro desta colônia, o Estado resolveu transferir para lá imigrantes europeus, talvez aproveitando os prédios ociosos. Nada menos do que 2 mil pessoas de origem russa e romena aportaram na ilha, com resultado nefasto. Desconhecendo o efeito venenoso da mandioca, mais de uma centena delas veio a morrer - e as demais logo retornaram ao continente, sem deixar vestígio de sua passagem.

O Presídio

Depois de abrigar um cárcere para pre-

sos políticos, foi estabelecido na ilha um presídio de segurança máxima durante a Segunda Guerra, com 400 presos. Nele a relação entre os presos era turbulenta, pois havia também detentos comuns, além dos altamente perigosos. Um criminoso apelidado de *Portuga* conseguiu unir os presos até então violentos e convencê-los a aparentar cordialidade. Foi então estabelecido um clima de confiança no presídio, onde aconteceu a revolta.

A Revolta de 1952

Num momento combinado, os guardas foram desarmados e os presos dominaram a ilha. Porém, a barçaça *Ubatubinha* esperada para aquele dia não chegou e, impossibilitados de fugir em massa, os detentos incendiaram o local. Graças a um soldado que atravessou a nado o Boqueirão, a revolta foi dominada e os presos setenciados. Mas alguns conseguiram embarcar na lanca do presídio e tentaram atravessar a Serra do Mar. *Portuga*, que era cardíaco, veio a falecer nos altos de Paraty, muitos dos demais sendo capturados. Ao total, foram apreendidos 129 presos - você pode imaginar quantos morreram. Em 1955, o presídio foi extinto.

As Ruínas

Num certo sentido, elas talvez sejam a principal atração da ilha, com seu formato simples, suas celas em oito casas separadas circundando um grande

HI-TEC
INSPIRED BY LIFE

**MONTANHAS, SERRAS, TRILHAS, RIOS E CACHOEIRAS.
A BELEZA FEMININA EM HARMONIA COM A NATUREZA.**



V-LITE RAPID TRAIL WP

- Impermeável
- Cabedal em couro camurçado e telas em mesh
- Proteção frontal e passadores em aço inoxidável
- Palmilha em EVA removível
- Entressola moldada em EVA
- Solado de borracha com fibra de carbono de alta aderência

QR CODE
Smartphone

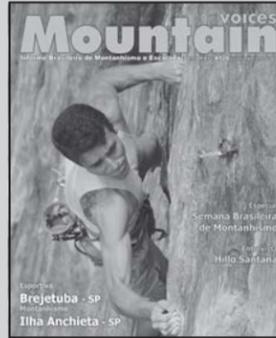


WWW.HI-TEC.COM

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Felipe Guimarães na Pequeno Alien VII c, na falésia Brejetuba, Cruzeiro - MG
Foto: Thaianá Ferreira

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/09/2012.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....)
 E-mail.....
 Idade Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder
 () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
 () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
 () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
 () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
 () Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00
 () DVD Karma - R\$ 25,00
Total00

126

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região

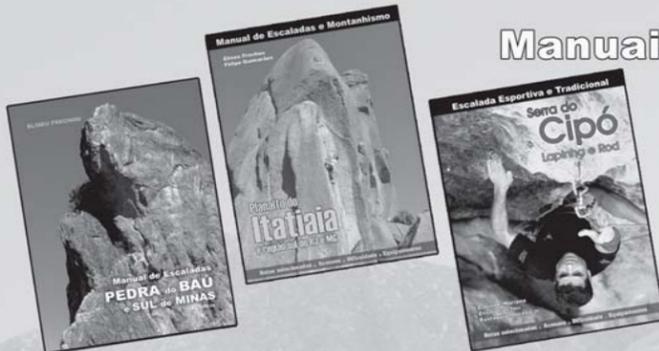


LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú
Itatiaia
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

Elevation

A única cargueira do Brasil à altura da sua expedição!



- Excelente Relação Peso/Capacidade
- Zíper Logitudinal. Acesse Qualquer Parte da Mochila
- Armação em Fibra de Carbono
- Toda em Cordura
- O Melhor Preço do Mercado na Categoria Cargueira em Cordura 500

Múltiplas configurações de expansão



Expansão Lateral



Bolsos Laterais



Expansão no Topo

Equinox .com.br

All you need is **love**.

Sua paixão pela montanha, a nossa paixão pelos produtos

Armour

- Design moderno.
- Regulagem rápida e porta lanterna.
- 6 cores vivas nas versões masculina, feminina e para criança.
- Peso: 340 g

Jasper CR 3

- Para Escalada e Alpinismo. Totalmente regulável. Com sistema único de centralização do cinto e ajuste de pernas.
- Interior confortável em tecido 3D e composição externa em nylon de grande resistência a abrasão.
- Único com Loop central duplo, proporcionando maior eficiência e segurança.
- 4 racks / porta equipamento. - Peso: 425 g

Nano 23

- O mosquetão mais leve do mundo, essencial em longas vias de parede.
- De fácil manuseio.
- Peso: 23 g (Nano 23)

Chunky Chalk

- Magnésio em pó de alta qualidade.
- Menos suor, mais aderência.
- Maior rendimento.
- Embalagem zip-lock de 300 g

CAMP

www.camp.it

Contato: vertical@vertical.com.br
 tel.: 71 3344 1665 - Rio de Janeiro

vertical
vertical

CONQUISTA

Tepui Air e Akaan Air

Impermeabilidade: 3000 mm coluna d'água
 Respirabilidade: 3000 g/m²/dia

Permita que seu corpo respire!